

Sri Ramana Maharshi - sua vida e ensinamentos –

Niraj

O seu dever é Ser, e não ser isso ou aquilo. “Eu sou o que sou” resume toda a Verdade. E o método é a quietude.

Sri Ramana Maharshi foi um dos maiores Gurus do século XX – alguns dizem que está entre os maiores “gigantes espirituais” que a Índia já produziu. Neste primeiro artigo faremos um relato de sua vida e uma breve exposição do método de prática espiritual por ele sugerido: a auto-inquirição através da pergunta “Quem sou eu?”.

Sri Ramana Maharshi nasceu em 30 de dezembro de 1879 em *Tiruchuzhi*, uma cidade na província *Tamil Nadu*, ao sul da Índia. Seus pais lhe deram o nome de *Venkataraman*.

Nada havia de anormal no rapaz. Possuía um corpo forte, destacando-se no futebol, artes marciais, natação, entre outros esportes. O único fator incomum a respeito de *Venkataraman* era o seu sono profundo, inabalável, e sua assombrosa força física. Seu sono era tão profundo que em certas ocasiões seus colegas – que jamais tinham a oportunidade de vencê-lo em um combate – aproveitavam-se de seu estado para carregá-lo para fora de sua cama, dar-lhe uma surra, e então “devolvê-lo” ao seu quarto, sem que *Venkataraman* jamais suspeitasse do ocorrido.

O garoto não manifestava nenhum interesse em espiritualidade, meditação ou religião. Seus únicos contatos com assuntos espirituais foram uma vez quando ouviu falar da montanha sagrada [Arunachala](#) – o que lhe despertou profunda reverência e interesse – e outra quando teve a oportunidade de ler o *Periyapuranam*, que é uma coleção de biografias de 63 santos seita Saiva [adoradores de Shiva] da religião hindu. Entretanto, aos seus 16 anos de idade, em julho de 1896, ocorreu uma experiência que transformou a sua vida para sempre. Ele mesmo a descreve:

“Foi mais ou menos seis semanas antes de deixar Madurai permanentemente que a grande mudança ocorreu na minha vida. Aconteceu inesperadamente. Eu estava sentado sozinho em uma sala do primeiro andar da casa de meu tio. Eu raramente adoecia, e naquele dia minha saúde estava normal, mas repentinamente eu fui tomado por um violento medo de morrer. Nada no meu estado de saúde explicava isso, e eu não tentei justificar esse medo, nem procurei suas causas. Eu apenas senti ‘Vou morrer’ e comecei a pensar o que fazer a respeito disso. Não pensei em consultar um médico, meus parentes ou meus amigos; eu senti que precisava resolver o problema por mim mesmo, ali mesmo.

O choque do medo da morte fez minha mente voltar-se para o interior, e eu disse a mim mesmo, sem na verdade moldar em palavras: ‘Agora a morte chegou; o que isso significa? O que está morrendo? O corpo morre.’ Então imediatamente comecei a dramatizar a ocorrência da morte. Eu deitei com os meus membros esticados e duros como se estivesse ocorrendo o rigor mortis, e imitei um cadáver para tornar a inquirição mais realista. Prendi a respiração e mantive os lábios firmemente fechados a fim de não deixar escapar nenhum som, de maneira que nem mesmo a palavra “eu” e nem qualquer outra palavra pudesse ser pronunciada. ‘Então’, disse a mim mesmo, ‘este corpo está morto. Ele vai ser carregado duro até a pira de fogo e lá será queimado e reduzido a cinzas. Mas com a morte deste corpo eu morro? Este corpo é o Eu? Ele está silencioso e inerte, mas eu sinto a força total de minha existência, e até mesmo a voz de “Eu” dentro de mim, separadas do corpo. Então eu sou o espírito que transcende o corpo. O corpo morre, mas o Espírito que o transcende não pode ser tocado pela morte. Isso significa que eu sou o Espírito Imortal’. Isso tudo não foi um pensamento obscuro; foi uma verdade viva que brilhou através de mim e que percebi diretamente, quase sem o processo do pensamento. ‘Eu’ [Self]¹ era algo muito real, a única coisa real no meu estado presente, e todas as atividades conscientes ligadas ao meu corpo estavam centradas naquele ‘Eu’. A partir daquele momento o ‘Ser’ ou ‘Si-mesmo’ focou a atenção em si mesmo por meio de uma poderosa fascinação. O medo da morte desapareceu de vez, e a absorção no Ser continuou ininterrupta desde então.”

¹ Aqui impede fazer uma observação para aqueles leitores com um *background* budista: enquanto que Buda dava à Realidade última o nome de *shunyata* ou vacuidade, descrevendo-a em termos negativos, Ramana Maharshi (e toda a tradição milenar do Vedanta) o dá o nome de *Brahman* (Absoluto) ou *Atman* (“Eu Real”, “Ser” ou “Self”). Isso não deve parecer contraditório com a doutrina budista do *anatman* (“não-eu”), eis que o Vedanta e Sri Ramana também negam a existência ou realidade de qualquer eu individual, alma individual, ou “eu” no mundo dos fenômenos. Contudo, observando que a Realidade (ou Natureza Búdica, Face Original, etc.) é puro Ser e pura Consciência, os *Vedantins* a chamam de Eu Real ou *Self*.

Neste momento sua individualidade dissolveu-se no Eu Real, e aquele jovem indiano que nada tinha de promissor transforma-se em um dos maiores Sábios que a Índia já conheceu. Na terminologia espiritual, ele havia “Realizado o Eu”, ou “Alcançado a Iluminação/Libertação”; o que normalmente surge apenas como resultado de anos de intensa prática espiritual (*sadhana*), para o jovem Sábio surgiu espontaneamente, sem nenhuma prática ou desejo prévios (pelo menos na vida presente).

Movido por um chamado interior, *Venkataraman* abandona seus estudos e sua vida em sociedade, e parte em rumo à *Tiruvannamalai*, a cidade em que se situa a lendária montanha de Arunachala. Chegando ao seu destino, o garoto iluminado joga fora todo o seu dinheiro e posses, e entrega-se a desfrutar profundamente o estado de Paz e Beatitude recém descoberto. Sua absorção nesta Consciência era tão profunda que ele permanecia desligado de seu corpo e de todo o mundo exterior por dias ou semanas a fio. Durante os dois ou três anos em que permaneceu imerso neste profundo estado de *samadhi* [transe], mosquitos e escorpiões comiam parte de seu corpo, seu cabelo e unhas cresceram enormemente, sendo que se alimentava apenas quando um transeunte apiedado com o estado deplorável do seu corpo lhe oferecia algo para ingestão. No final deste período *Venkataraman* começou aos poucos a retomar a sua vida física normal – transição esta que se completou apenas alguns anos depois – mas sem nunca perder a consciência de seu verdadeiro Eu.

Na medida em que o jovem Sábio foi retomando consciência do mundo exterior, passou a irradiar uma aura de Paz que começou a atrair buscadores interessados em beneficiar-se de sua presença. Em seus primeiros anos *Venkataraman* permanecia em completo silêncio, sendo que eventuais perguntas de buscadores que o visitavam ou moravam em sua proximidade eram respondidas sendo escritas em pedaços de papel ou na areia. Àquela época, um de seus primeiros seguidores, impressionado pela sabedoria e santidade daquele garoto, deu-lhe o nome de Bhagavan Sri Ramana Maharshi, pelo o qual passou a ser conhecido desde então. “Bhagavan” é um título honorífico dado a grandes mestres iluminados, significando “Senhor”; “Sri” é um prefixo de respeito; “Ramana” é contração de seu nome de batismo; “Maharshi” significa “Grande Sábio”.

Mesmo depois de vários anos, quando Sri Ramana voltou a falar, falava muito pouco, de forma que seus ensinamentos eram transmitidos por outros meios. Ao invés de dar instruções verbais ele constantemente emanava uma força silenciosa que aquietava as mentes daqueles que estavam em sintonia com ela, e ocasionalmente até mesmo lhe davam uma experiência direta do estado no qual ele mesmo estava perpetuamente imerso. Anos depois ele tornou-se mais disposto a dar ensinamentos verbais, mas, mesmo então, os ensinamentos silenciosos sempre estavam à disposição daqueles que sabia fazer bom uso deles. Ao longo de sua vida Sri Ramana insistia que esse fluxo silencioso de energia representava seus ensinamentos em sua forma mais direta e concentrada. A importância que ele dava a isso é indicada por suas assertivas freqüentes no

sentido de que seus ensinamentos verbais serviam apenas àqueles que não podiam compreender seu silêncio.

Na medida em que os anos passaram ele se tornou cada vez mais famoso. Uma comunidade cresceu em volta dele, milhares de visitantes vinham vê-lo – entre ocidentais, indianos, monges, filósofos, santos, mendigos e rainhas – , e durante os últimos vinte anos de sua vida ele era largamente conhecido como o Santo mais popular e reverenciado da Índia. Alguns desses milhares eram atraídos pela paz que eles sentiam em sua presença, outros pela propriedade com a qual ele guiava buscadores espirituais e interpretava ensinamentos religiosos, e outros simplesmente vinham falar de seus problemas e sofrimentos. Qualquer que fosse a razão, praticamente todos que tinham contato com ele saiam impressionados com a sua simplicidade e humildade. Quando uma vez o então presidente da Índia prestou uma visita a Mahatma Gandhi, este lhe disse “*Aqui nós fazemos serviço social. Se você está buscando a Paz, sugiro que visite Ramana Maharshi.*”

Bhagavan estava disponível aos visitantes vinte e quatro horas por dia, uma vez que dormia e vivia em um espaço comunitário, o qual estava sempre acessível a todos, e seus únicos bens eram a sua roupa do corpo, um pote de água, e sua bengala. Embora fosse adorado por milhares como uma encarnação divina, ele se recusava a permitir que qualquer um lhe tratasse como alguém especial, e recusava receber qualquer coisa que não fosse igualmente dividida entre todos a sua volta. Sri Ramana trabalhava junto em sua comunidade e por muitos anos acordava diariamente às 3:00 da manhã para preparar comida aos residentes no ashram. Seu sentimento de igualdade era legendário. Os visitantes eram todos tratados com respeito e consideração iguais, fossem eles mendigos, executivos, membros da realeza, ou animais. Sua preocupação igualitária se estendia até mesmo às árvores locais: ele desencorajava seus seguidores a arrancarem flores ou folhas das árvores, e buscava assegurar-se que toda e qualquer fruta que fosse retirada das árvores o fosse feito da maneira que a árvore sofresse apenas a quantidade mínima de dor.

Assim, ao longo de mais de 50 anos, vivendo aos pés da montanha Arunachala, Sri Ramana deu ensinamentos e transformou as vidas de inúmeros visitantes e buscadores. Boa parte de seus ensinamentos foram anotados e publicados, constituindo assim uma herança espiritual inestimável para a humanidade, apontando um caminho direto e eficaz, acessível a todos aqueles que desejem alcançar o estado de Liberdade do qual tais ensinamentos emanaram.

Sri Ramana Maharshi deixou o corpo físico em 14 de abril de 1950, padecendo de câncer. Em nenhum momento, entretanto, demonstrou qualquer espécie de preocupação ou aflição com a grande dor física que seu corpo sofria

nos últimos anos, ou com a perda do mesmo, permanecendo sempre com o mesmo olhar imerso em Paz.²

*Não medite – seja!
Não pense que você é – seja!
Não pense sobre ser – você é!*

Os ensinamentos de Sri Ramana apontam que o Ser (*Self* ou *Atman*³) ou Pura Consciência é a única realidade e o verdadeiro “Eu” de todas as coisas, e que isso já é naturalmente assim, não sendo necessário “alcançar” a Iluminação, mas apenas remover os obstáculos – mentais, imaginários – que *aparentemente* a ocultam. Em suas palavras:

O sentimento “eu não realizei” é o obstáculo à Realização. Na verdade já há a Realização. Não há nada mais a ser realizado. Se houvesse, a realização seria algo novo que não existia antes, mas que acontecerá em algum momento no futuro; mas tudo o que surge também desaparece. Se a Realização fosse algo assim não seria eterna e, sendo transitória, não valeria a pena ser buscada. Portanto, o que nós buscamos não é algo que vai começar a existir, mas sim aquilo que existe eternamente mas que está velado por nossas obstruções mentais. Tudo o que precisamos fazer é remover a obstrução.

Não existe o “realizar o Ser”. Como é possível real-izar, ou “tornar real”, aquilo que já é real? As pessoas “realizam”, ou encaram como real, o que é irreal, e tudo o que precisam é desistir de fazer isso. Quando você fizer isso você permanecerá como [realmente] é e sempre foi, e o Real será Real. Todas as religiões e suas práticas surgiram apenas para ajudar as pessoas a desistirem de ver o irreal como real.

O obstáculo ou ignorância espiritual (*avidya* ou *ajnana*), para Bhagavan, nada mais é do que a mente, que é um nome coletivo para todos fenômenos mentais ou pensamentos (neste termo também englobados outros movimentos tais como sentimentos, intuição, memória, sensação, insights, emoções, percepções, etc.). Transcendida a mente, a pessoa descobre que há apenas o Ser, que tudo é o Ser, e que sempre houve apenas o Ser, sem qualquer modificação. Ela compreende, por fim, que mesmo a mente (que era o aparente obstáculo ao Ser) nada mais é do que uma manifestação ilusória do próprio Ser, e que aquele que estava aprisionado era nada mais do que um produto da própria mente: um conceito.

² O resumo bibliográfico acima foi elaborado com base nos seguintes textos:

SADHU OM. *The Path of Sri Ramana – Part I*. Tiruvannamalai: Sri Ramana Kshetra, 1997.

GODMAN, David (editor). *Be As You Are*. Londres: Penguin, 1985.

MAHADEVAN, T.P.M *Bhagavan Ramana*. Tiruvannamalai: Sri Ramanasramam, 2005.

³ Em nossa tradução do livro “Os Ensinamentos de Sri Ramana Maharshi em Suas Próprias Palavras” optamos pelo uso do termo “Eu Real”, que também é uma tradução válida. Neste artigo, contudo, achamos por bem traduzir mais como “Ser”.

Muito bem, este é o ponto que todas as práticas e filosofias que tem como essência a não-dualidade concordam. Agora, Ramana Maharshi aponta que todos os fenômenos mentais tem uma raiz única, um denominador comum, e que este é o pensamento-“eu” (*aham vritti*), ou ego. Em outras palavras: tudo o que surge na mente e todos os mais variados elementos da experiência humana tem como DNA comum esse sabor de “eu individual”. Tudo o que acontece no “meu universo” acontece para mim e – Bhagavan ousa dizer para aqueles que estão prontos a entender – sua própria existência depende da existência do observador. Esse “conceito de eu” nada mais é do que uma falsa identificação entre a Pura Consciência (que é por natureza imaterial, ilimitada e intangível) e o corpo.

O Eu Real é Pura Consciência. Porém, a pessoa se identifica com o corpo que é insensível. O corpo não diz “eu sou o corpo”. O Eu ilimitado também não o faz. Alguém diz – quem é? Um “eu” imaginário surge entre a Pura Consciência e o corpo inerte e se imagina limitado ao corpo. Busque esse eu e ele desaparecerá como um fantasma. Este fantasma é o ego, a mente, ou a individualidade.

O ego nada mais é do que uma distorção do Ser; ele é a primeira manifestação, o primeiro conceito de *maya*, e também a porta de retorno ao estado original. O Maharshi aponta que qualquer prática ou esforço espiritual tem como ponto de origem o ego (que é o “fazedor” do esforço e aquele que busca os resultados), já que o puro Ser não tem qualquer necessidade de prática espiritual, já sendo a própria Realidade do *Nirvana*. Sendo assim, todo “esforço espiritual” tem o condão apenas de alterar o ego, sublimando-o e purificando-o, mas não de “eliminar” o ego, já que a própria prática é baseada em uma noção equivocada de se estar em um “estado de não-iluminação”.

O Eterno só não é reconhecido como tal devido à ignorância; logo, a ignorância é o obstáculo. Livre-se dela e tudo estará bem. A ignorância nada mais é do que o pensamento – “eu” – descubra sua fonte e ele desaparecerá.

Como todos os outros pensamentos só podem surgir depois do aparecimento do pensamento-eu, e como a mente nada mais é do que um conglomerado de pensamentos, é apenas [voltando a atenção ao pensamento-eu] através da inquirição “Quem sou eu?” que a mente será extinta. Além disso, o pensamento-eu – implícito na investigação “Quem sou eu?” – destruirá todos os outros pensamentos e, como a vareta usada para avivar a pira funerária, no final ele mesmo será consumido.

Qual é, então, a sugestão inovadora de Sri Ramana para transcender essa ilusão de “eu”? É de que, em vez que presumir que somos um ser individual (incompleto e imperfeito), e então adentrar em um árduo processo de purificação ou superação da mente – que é essencialmente não-existente – devemos apenas voltar nossa atenção para dentro e questionar a validade desse “eu”. Qual é a identidade do “buscador” ou “praticante”? Quem sou eu? Essa é a auto-inquirição (*atma vichara*) ensinada pelo Mestre.

Este é o método direto. Todos os outros métodos só podem ser praticados retendo-se o ego, e neles surgem muitas dúvidas, enquanto que a pergunta última é apenas atacada no final. Mas neste método, a pergunta última é a única pergunta e ela é

levantada desde o começo. A tentativa de destruir o ego ou a mente por outros métodos que não a auto-inquirição é como o ladrão que se torna policial para pegar o ladrão que é ele mesmo. Apenas atma vichara pode revelar a verdade de que nem o ego nem a mente realmente existem, assim possibilitando a realização do Ser puro e indiferenciado do Eu Real ou Absoluto.

Mas, como “praticar” essa investigação? O método da auto-inquirição, em uma palavra, consiste em manter a atenção focada internamente no puro sentimento de existir, o EU SOU, evitando qualquer associação, retornando sempre a este espaço através da pergunta “quem sou eu?”.

Explica-se. Conforme dito anteriormente, o ego – matriz do *samsara* – é essa “mistura” da Pura Consciência (que brilha como o puro EU SOU) e o corpo, que em si é inerte, e a voz dessa identificação é a impressão profunda de que “eu sou o corpo” ou “eu sou a mente” ou “eu sou isso/aquilo, assim/assado”. Enquanto o Ser é apenas o “EU SOU”, o ego é o “EU SOU + algo”, sendo este “algo” o que os hindus chamam de *upadhi*, ou adjunto limitador. É limitador porque qualquer coisa com a qual a Consciência se identifique lhe dará uma falsa sensação de ser aquilo, de estar contida nos limites daquele fenômeno, enquanto que todos os fenômenos são apenas movimentos observados dentro desse espaço-Consciência (*chit-akasha*), movimentos esses que tem como características aquelas três apontadas pelo Buda Gautama: impermanência, não-eu (vazio) e insatisfatoriedade. Portanto, quando a atenção, que é o aspecto dinâmico da Consciência manifestando-se enquanto ser humano, fixa-se no puro sentimento de EU SOU, a Consciência permanece enquanto apenas Ser, sem se associar com nada, não se manifestando como ego (que nada mais é do que uma distorção do Ser-Consciência). Com esse simples exercício o ego e todo o seu universo é imediatamente transcendido.

“Eu sou” é a realização. Seguir essa “pista” até o fim é a auto-inquirição. “Eu sou” é o objetivo e a realidade final.

É natural que o conceito-de-“eu” retorne e se “prenda” ao Ser, assim parecendo ocultar a realidade. Contudo, com a prática constante dessa contemplação do EU SOU a atenção passa a permanecer na não-localidade da Consciência com cada vez mais facilidade e por cada vez mais tempo. Quando esse permanecer como “eu sou” – daí a frase do Ramana “seja quem tu és” – torna-se completamente espontâneo e inafastável, há o que se chama de Realização ou Iluminação.

Quando a mente investiga a sua própria natureza incessantemente será descoberto que não existe nada como “mente”. Este é o caminho direto aberto a todos.

Por trás de todos os pensamentos há um pensamento geral, que é o “eu”, ou seja, você mesmo. Mantenha-se neste pensamento-eu e investigue o que ele é. Quando essa investigação tomar conta de você, você será incapaz de pensar outros pensamentos.

A prática espiritual (abhyasa) consiste em retornar ao Eu Real toda vez que você for perturbado pelo pensamento.

Você não precisa eliminar nenhum falso “eu”. Como pode o “eu” eliminar a si mesmo? Tudo o que você precisa fazer é encontrar a Fonte do “eu”, e permanecer lá. O seu esforço só pode levá-la até este ponto. A partir daí o Transcendental vai tomar conta de si mesmo. Você não pode fazer mais nada então. Nenhum esforço pode chegar até Ele.

Este ego fantasmagórico, que não possui forma, surge agarrando-se a uma forma, e enquanto ele estiver apegado a uma forma e continua, mas quando investigado ele desaparece.

Embora Sri Ramana mencionasse que a experiência do Ser é sentida no corpo como se estivesse localizada no “coração espiritual” (no lado direito do peito), deixava claro que concentrar-se nesse centro não produziria a experiência, sendo apenas um efeito colateral desta. Bhagavan também deixava claro que a inquirição “Quem sou eu?” – podendo ainda ser feita como “Da onde eu vim?” – não é um processo de investigação intelectual, nem um mantra a ser repetido, mas apenas uma ferramenta para expor a irrealidade do eu individual.

A auto-inquirição não é exatamente uma meditação formal, podendo ser feita em todos os momentos do dia. Independentemente da atividade em que estamos envolvidos, parte da nossa atenção pode estar sempre focada no “pano de fundo” de apenas Ser. Mesmo assim, para a maioria das pessoas separar alguns minutos do dia para sentar em silêncio com apenas isso pode ser uma ajuda valiosa.

D.: Qual é o momento do dia mais adequado à meditação?

B.: O que é “tempo”, “momento”?

D.: Me responda!

B.: O tempo é apenas um conceito. Existe apenas a Realidade. O que quer que você pense que é, ela aparenta ser. Se você a chama de tempo ela é tempo, se você a chama de existência ela é existência, e assim por diante. Depois de rotulá-la tempo você a divide em dias e noites, meses, anos, horas, minutos, e assim vai. O tempo é irrelevante para o caminho do Conhecimento. No entanto, algumas dessas regras e disciplinas podem ajudar os iniciantes.

Conquanto os ensinamentos de Sri Ramana se assemelhem em muito aos do Advaita Vedanta hindu tradicional, sua abordagem prática difere. A prática Advaita ortodoxa é feita através das negações e afirmações. Mediante a prática do *neti-neti* o buscador rejeita tudo aquilo que é percebido ou experimentado como sendo “não-eu” ou irreal. Pela prática das afirmações o discípulo faz uso das Grandes Revelações (*mahavakyas*), tais como “Eu sou Aquilo” ou “Eu sou *Brahman* (o Absoluto)”, mediante repetição mental de tais fórmulas. Bhagavan ensinava que tais métodos podem ser úteis para a aquietação da mente, mas que não são o método final ou mais direto. No caso do *neti-neti*, porque o ego que nega todas as outras coisas não pode negar a si mesmo; no caso dos *mahavakyas*, porque quem repete a assertiva e se convence da sua realidade é o próprio ego, que ao final deve ser abandonado. O ensinamento básico da auto-investigação de Ramana Maharshi é no sentido de que nenhuma atividade mental

(tal como afirmação e negação) pode levar a pessoa além da mente ou destruí-la. Ao mesmo tempo, o Sábio aceitava a validade de todos os métodos e práticas como meio de purificar e acalmar a mente, preconizando que apenas uma mente pura e clara (*sattvica*) é sutil o bastante para compreender a Verdade. Ressaltava, contudo, que independentemente do caminho seguindo, no final o ego só poderia ser transcendido pela investigação “quem sou eu?” ou pela entrega.

*Se a pessoa se entregar completamente, não sobrar ninguém para fazer perguntas ou para ser levado em consideração. Ou os pensamentos são eliminados agarrando-se o pensamento raiz, o “eu”, ou a pessoa se entrega incondicionalmente ao Poder Maior. Esses dois são os únicos caminhos rumo à Realização.*⁴

Encerro esta exposição compartilhando algumas pérolas do Ramana Maharshi. Aqueles que tenham interesse em encontrar mais ensinamentos do Bhagavan ou de seus discípulos, bem como textos, livros e vídeos, podem visitar o site www.advaita.com.br ou entrar em contato pelo email omniraj@gmail.com.

É verdade que o Ser do Guru é idêntico ao do discípulo. No entanto, apenas muito raramente uma pessoa pode realizar seu verdadeiro Ser sem a graça do Guru.

O silêncio é o ensinamento mais poderoso. Por mais vastas e enfáticas que as escrituras possam ser, elas não alcançam o seu propósito. O Guru é silencioso e com isso a paz prevalece em todos. O seu silêncio é mais vasto e mais eloqüente que todas as escrituras juntas.

Nenhuma teoria é necessária a um homem que sinceramente deseja chegar a Deus ou realizar seu verdadeiro Ser.

Apenas o Ser existe e é real. O mundo, o indivíduo e Deus são criações imaginárias dentro do Ser, tal como o aparecimento da prata na madrepérola. Eles aparecem e desaparecem simultaneamente. Na verdade, apenas o Eu Real é o mundo, o “eu”, e Deus. Tudo o que existe é apenas uma manifestação do Ser Supremo.

Não há mistério maior que este: que sendo a Realidade nós buscamos alcançar a Realidade. Nós pensamos que existe algo ocultando a Verdade e que isso deve ser destruído a fim de que possamos atingir a Verdade. É ridículo. Chegará o dia em que você vai rir de todos os seus esforços pretéritos. Aquilo que será no dia em que você rir também é aqui e agora.

Não há criação, destruição, prisão, desejo de libertar-se, esforço pela libertação nem ninguém iluminado. Esta é a verdade suprema.

⁴ T., 321